

ÉTICA E COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL NAS COOPERATIVAS

Aparecida Helena Costa¹

Orientadora Dr^a. Bárbara Fadel

RESUMO

O presente estudo visa demonstrar a relação da ética no comportamento organizacional da cooperativa de modo que os objetivos da mesma sejam atingidos mediante o uso de práticas que possam gerar benefícios pessoais como renda e satisfação de necessidades; e benefícios morais que permitam ao grupo o reconhecimento da sociedade pelas práticas executadas e a cooperativa a consolidação do produto no mercado. Visa também relacionar que os princípios que regem as cooperativas estão embasados em princípios morais que proporcionam aos cooperados a condição do desenvolvimento do comportamento organizacional sobre pilares concretos da ética. A pesquisa será fundamentada em literatura referente cooperativismo, ética e comportamento organizacional, sendo o método de pesquisa em referenciais teóricos sobre o tema, buscando contextualizar a relação entre a ética e o comportamento organizacional como fomento ao desenvolvimento da cooperativa no mercado. O projeto de pesquisa está vinculado ao programa de pós-graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional do Uni-Facef, portanto em fase de pesquisa.

Palavras chaves: Ética, cooperativas, comportamento organizacional

1 INTRODUÇÃO

A ética e o comportamento organizacional tem se mostrado grandes aliados no que concerne a estratégias administrativas. Isso devido as relações humanas atualmente tornarem-se tão valorizadas e consideradas patres essenciais na composição de elementos competitivos.

As cooperativas, tendo a Aliança Cooperativa Internacional (ACI) em Genebra, no Brasil, é representada pela Organização das Cooperativas Brasileiras- OCB, órgão máximo de ordem nacional, composto por mais de 5500 cooperativas em diferentes segmentos, possuem um modelo de organização que ligadas á diversos países que apresentam culturas diferenciadas, apresentando morais éticas de acordo com os padrões de evolução, costumes e hábitos locais. Mas o que prevalece em todas as cooperativas são os princípios que regem a condição de existência das mesmas de modo a fornecer benefícios a todos e fazer com que os participantes contribuam com evolução da instituição e do grupo. A postura ética, determinada de acordo com valores morais em qualquer de suas instâncias se faz necessária principalmente para manter a coesão e a sobrevivência da cooperativa. Para que isso ocorra é necessário que haja por parte dos administradores e cooperados que assumem cargos de liderança estejam engajados em proporcionar resultados que sejam moldados dentro dos princípios éticos estabelecidos nas assembleias gerais.

O mercado atual globalizado exige mais que bons produtos, exige bom atendimento a clientes, colaboradores e fornecedores; cuidados com o meio ambiente e com a comunidade local e, mesmo diante da acirrada concorrência, empresas e cooperativas necessitam apresentar uma postura ética perante a sociedade.

Inicialmente será abordado a conceituação da Ética , enfatizando a relevância de ambos na organização cooperativista, bem como a moral e a

aplicação no ambiente de negócios. Posteriormente abordarei o comportamento organizacional ressaltando-o como elemento primordial para que as empresas se mantenham no mercado usando o potencial de seus recursos humanos. Também abordarei o contexto histórico do cooperativismo e das cooperativas. Pretendo fazer considerações parciais suscitando maiores pesquisas referentes ao texto abordado.

2 ÉTICA E COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL NAS COOPERATIVAS

As cooperativas possuem um modelo de gestão que exige do grupo coesão e consenso na tomada de decisões e no modo de gerir pessoas e desenvolver produtos, sendo que esses ao serem vendidos possam transferir mais que produtos ao consumidor final e que já tenha gerado aos envolvidos benefícios financeiros e proporcionado satisfação aos que contribuíram pra a criação do produto para venda.

2.1 ÉTICA E MORAL

Para Srour, (2000), a moral corresponde às representações imaginárias que dizem aos agentes sociais o que se espera deles, sendo um conjunto de regras de comportamento ou códigos de conduta que a sociedade adota. A ética, opera no plano da reflexão e das indagações, estuda os costumes das coletividades e as morais que podem conferir-lhes consistência, sendo a moral uma das ferramentas da ética.

Os valores morais de um grupo ou organização definem o que é ser ético para si e, a partir daí, elaboram-se rígidos códigos éticos que precisam ser seguidos sob pena de ferirem os valores morais preestabelecidos (ASLEY, 2003). Segundo a autora, cada cultura de acordo com o período e as mudanças que ocorrem possibilitam o surgimento de novas posturas diante das

situações criando uma nova moral e novo código de ética adequado a cada estágio em que a sociedade se encontra.

Srouf (2000) enfatiza duas teorias éticas ensinadas por Max Weber: a Ética da Convicção, tratado dos deveres entendida como Deontologia, inexistindo o meio termo remetendo a ação ao cumprimento do obrigatório, do prescrito, cujo principio vigora sob normas pré estabelecidas, ancorado em ideias moldadas pela fé; a Ética da Responsabilidade como estudos dos fins humanos, conhecida como Teleologia, remete o individuo a uma avaliação sobre os possíveis efeitos causados por uma ação, tendo como fundamento da decisão a análise da utilidade e finalidade, ou seja, quantos benefícios uma ação presente pode gerar para um bem maior futuro.

Enquanto aqueles celebram o rito de suas injunções morais com minudente rigor, estes examinam os efeitos prováveis que suas ações irão provocar e adotam o curso que lhes aponta os maiores melhoramentos coletivos possíveis em relação aos custos prováveis.

(SROUR, 2000, p.55)

Necessita-se da ética para que a equipe que administra a cooperativa tenha uma atuação que vise resultados para o grupo, beneficiando a todos.

“Exortações, sermões, ações pedagógicas têm eficácia restrita diante dos apelos ao consumo, ao enriquecimento, ao afã de vencer na vida. Sensibilizar, ou tornar conscientes os agentes, quanto as implicações morais de seu atos, é sem dúvida necessário. Não parece suficiente porém. Persuadi-los a tomar decisões, que não sejam prejudiciais aos demais, é também vital. Mas seria inteiramente seguro? O grande desafio consiste em saber como coibir atos que só beneficiam interesses restritos, para não dizer egoístas.” (SROUR, 2000, p16)

Srouf,(2000), aponta a dificuldade de manter uma conduta moral diante dos apelos externos que objetivando benefícios pessoais podem influenciar a ocorrência de atos prejudiciais ao grupo, empresa ou cooperativa

e, diante de tais ganhos individuais em que venham a oferecer vantagens a grupos restritos, ou sejam, a geração de benefícios a um parcela de indivíduos em detrimento de prejuízos ao grupo como um todo.

O autor cita ao auscultar a cultura organizacional e conhecer os desvãos que toda a empresa oculta, institucionalizando orientações partilhadas demonstrando os valores que a empresa busca, norteando o comportamento organizacional que venha a refletir a realidade da empresa/cooperativa e beneficiar os envolvidos. Desse modo a empresa tem a possibilidade de se autoavaliar juntamente com os envolvidos e criar metas baseadas na realidade e carências do grupo.

2.2 A ÉTICA NOS NEGÓCIOS

Segundo Ashley, (2003), a ética afeta na obtenção de lucros devido a credibilidade da empresa no momento de decisão de compra do consumidor, implicando na sobrevivência da mesma no mercado global, ou seja, a empresa necessita de atenção com a maneira que trata funcionários, fornecedores, procedência de matérias primas, forma de atuação no mercado de modo que tenha um sincronismo que a beneficie perante os concorrentes.

Srouf (2000) suscitou a adesão de padrões culturais cosmopolitas seguidos de profissionalismo e idoneidade nas transações, essenciais para o estabelecimento da confiança mútua, conseqüente da honestidade, assertividade, credibilidade, transparência, competência técnica entre outras características que desdobram na busca pelo fortalecimento da sociedade e exposição aos demais países, aumentando a confiabilidade dos agentes econômicos.

Segundo Ashley, (2003), a ética afeta desde o lucro e credibilidade das organizações até a sobrevivência da economia global. Afirma ainda sobre a necessidade das empresas ao obterem lucros, tendo um comportamento ético e obedecendo a leis. Ressaltando que as responsabilidades éticas, sejam posturas positivas ou negativas, não são

codificadas em leis, mas refletem em atos de aprovação ou repulsa por parte da sociedade, influenciando no momento de aquisição de determinado bem.

3 O COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL

Comportamento Organizacional é um campo de estudos que investiga o impacto que indivíduos, grupos e a estrutura têm sobre o comportamento dentro das organizações, com o propósito de utilizar esse conhecimento para promover a melhoria da eficácia organizacional (ROBBINS, 2002). Estuda três determinantes do comportamento das organizações: indivíduos, grupos e estrutura, com o objetivo de que as organizações trabalhem mais eficazmente. Preocupa-se com o estudo do que as pessoas fazem e como esse comportamento afeta o desempenho destas organizações

Dentro das cooperativas, o comportamento organizacional vem acompanhado de um dos princípios do cooperativismo que segundo Domingues, 2002, educação, formação e informação. As cooperativas promovem a educação e a formação de seus membros dos representantes eleitos, dos dirigentes e dos trabalhadores de forma a que estes possam contribuir para o desenvolvimento, as decisões são tomadas independente e democraticamente pelo consenso de 50% mais um membro em assembleia geral. Os estudos sobre o comportamento organizacional têm focado os comportamentos relativos a funções, trabalho, absenteísmo, rotatividade, produtividade, desempenho humano e administração. Embora haja alguma controvérsia sobre a importância relativa de cada um deles, o comportamento organizacional inclui tópicos como motivação, comportamento e poder de liderança, comunicação interpessoal, estrutura e processos de grupos, aprendizado, desenvolvimento de atitudes e percepção, processos de mudanças, administração de conflitos, planejamento do trabalho e estresse no trabalho.

Segundo Rego, (2002), um clima caracterizado pelo auto interesse gera efeitos negativos sobre a satisfação, o comprometimento organizacional, a coesão do grupo e a confiança nos outros e na gestão. Também complementa em afirmar que quando percebem que os colegas se preocupam com os interesses dos outro e da equipe como um todo, as pessoas sentem a necessidade de atuar reciprocamente. O autor demonstra desse modo que o comportamento organizacional reflete a estrutura ética moldadas com uma postura de visão holística.

4 AS COOPERATIVAS

O extraordinário crescimento do sistema cooperativo e a consolidação da sua doutrina iniciada em 1844, com os pioneiros de Hochdale, a sua extensão a todos os setores da atividade humana decorrente da sua capacidade de adaptar-se às mais variadas espécies de situações- abrangendo grande margem das populações de menor renda- a sua linha de oposição ao regime capitalista (no seu aspecto de exploração do homem) e ao regime capitalista, (na sua característica de opressão) e seu papel de veículo ideal para o progresso dos países subdesenvolvidos, implicou o reconhecimento das suas excelências e obrigou a uma análise mais acurada da sua origem, desenvolvimento e finalidades. BULGARELLI, (1967-p 09)

O modelo de cooperativa surgiu no século XIX como uma forma de amenizar os reflexos do desemprego provocado pela industrialização que ao mecanizar os processos de produção, reduziu o uso de mão de obra nas indústrias gerando uma grande massa de desempregados. A doutrina cooperativista tem como foco o indivíduo, e as atividades são desenvolvidas de modo a prover benefícios para o grupo, já o capitalismo o foco principal é o capital, o lucro e posse de bens.

Segundo Bulgarelli, (1967), o modelo cooperativista surgiu juntamente com o modelo socialista, analisando as economias mundiais, percebe-se que um país ou é socialista ou capitalista, já o cooperativista é inserido dentro do modelo capitalista, como alternativa de desenvolvimento, gerando trabalho e renda.

A Aliança Internacional das Cooperativas (ACI), fundada em Genebra, Londres em 1895, é o órgão máximo na organização cooperativista que foi a primeira organização não governamental que obteve acordos com as Nações Unidas em 1946. Segundo Domingues, (2002).

Os principais objetivos da ACI são: organizar, promover, fortalecer, as cooperativas autogestionadas em todo o mundo. Mediante sua atuação internacional, regional e local, busca também valorizar e defender os princípios cooperativistas como: estimular relações

mutuamente proveitosas entre suas organizações seja de caráter econômico ou não; favorecer o progresso econômico e social dos povos, contribuindo, assim, a paz e segurança internacional. DOMINGUES, (2002, p 49)

O fato de as cooperativas estarem interligadas a um órgão internacional que busca parcerias e alternativas de desenvolvimento com órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas-ONU demonstra a representatividade do modelo cooperativista diante da comunidade mundial e facilita a relação e troca de experiências entre os mais de 100 países que a compõe.

Segundo Domingues, 2002, os princípios cooperativistas universais que norteiam todas as condutas e práticas do movimento, de modo que o mesmo esteja presente no estatuto de formação das cooperativas, determinando um código de ética e moral a ser seguido e respeitado expressamente.

“1ºPrincípio: Adesão Voluntária e Livre;2º Princípio: Gestão Democrática por Seus Membros; 3º Princípio: Participação Econômica dos Membros; 4º Princípio: Autonomia e Independência; 5º Princípio: Educação, Formação e Informação; 6º Princípio: Intercooperação; 7º Princípio: Interesse Pela Comunidade.” DOMINGUES, (2002, p 52)

Através dos princípios enunciados por Domingues, 2002 percebe-se os valores e postura ética voltados em função do cooperado e as comunidade onde a empresa está inserida, com a visão administrativa voltada para o todo, o bem comum, trazendo responsabilidades e benefícios á todos os cooperados. A cooperativa também é composta por um estatuto elaborado em assembleia geral, onde todos os cooperados votam e as decisões serão tomadas baseando no estatuto.

No Brasil, geralmente a gestão das cooperativas é formada por cooperados, dependendo do tamanho da cooperativa, em outros países, os administradores são recrutados do mercado de trabalho (Lazzarinni, Bialosckorski Neto e Chadad, 2004). Diante deste modelo percebe-se o

interesse em se ter profissionais capacitados que possam exercer suas funções de modo a trazer o maior volume de benefícios para os associados.

Em cooperativas no sul de Minas Gerais, conforme citado por (Bertolin e tal, 2008) a prevalência de um alto nível de confiança do associado da cooperativa em seus dirigentes, atribuída a honestidade e seriedade de seus membros e ao fato de não efetuarem negócios que possam por em riscos as atividades da empresa. Os associados valorizam a informação clara e em maior quantidade como ações que deveriam ser priorizadas no gerenciamento da informação empreendido pelos dirigentes.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Segundo Chaddad,(2011), as cooperativas possivelmente continuarão a desempenhar importante papel no futuro, se solucionarem seus problemas organizacionais e adotarem estratégias competitivas alinhadas com a nova realidade da economia mundial. Os produtos gerados pelas cooperativas são os mesmos gerados pelas empresas privadas ou governamentais, cabe aos administradores estarem atentos ao mercado alinhando necessidades externas com internas de modo a produzir bens competitivos, gerando benefícios aos cooperados.

O estudo realizado apresentou uma pequena contribuição nas relações de comportamento organizacional com a ética que embasada em princípios morais sobre o desenvolvimento da cultura cooperativista, demonstram que a atuação de profissionais capacitados atuando dentro de princípios que visem o bem estar do grupo ou da cooperativa, podem consolidar a marca produzida pelo grupo, não apenas pela qualidade do produto, mas também pelo uso dos recursos de forma consciente, pelo modo de atendimento a todos os envolvidos no processo de produção e comercialização e por desempenhar na equipe de trabalho a condição de convivência que possibilite boas relações de convivência no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

ASHLEY, Patricia Almeida. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2002

BARBOSA, Livia. **Cultura e diferença nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2009

BULGARELLI, Waldimiro. **O kibutz e as cooperativas integrais**. São Paulo: Biblioteca pioneira de estudos cooperativos, 1966

DOMINGUES, João Carlos. **Cooperativas de trabalho: um modelo de autogestão no combate ao desemprego: verdades e mentiras**. São Paulo: STF, 2002

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 9.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SANTOS, Rubens da Costa. **Manual de gestão empresarial**. São Paulo: Atlas, 2007

SROUR, Robert Henry. **Ética empresarial**. Rio de Janeiro: Campus, 2000

WOOD JR e CALDAS, Thomaz e Miguel P. **Comportamento Organizacional: Uma perspectiva brasileira**. São Paulo: Atlas, 2007

CHADDAD, Fabio Ribas. **Cooperativas no agronegócio do leite: mudanças organizacionais e estratégias em resposta a globalização**. vol9.nº1, 2007 disponível : <http://200.131.250.22/revistadae/index.php/ora/article/view/149/145>

GOLDEMBERG E MOREIRA; José e José Roberto. **Política energética no Brasil**. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ea/v19n55/14.pdf>

LAZZARINI, BIALOSKORSKI NETO, CHADDAD; Sergio Giovanetti, Sigismundo e Fabio R.. **Decisões financeiras em cooperativas: fontes de ineficiência e possíveis soluções**. São Paulo 1999 Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v6n3/a10v6n3.pdf>

REGO, Arménio. **Climas éticos e comportamentos de cidadania organizacional**. Revista de Administração de empresas. São Paulo. Jan/mar 2002. V42. Disponível : <http://www.scielo.br/pdf/rae/v42n1/v42n1a06.pdf>

BERTOLIN, SANTOS, LIMA e BRAGA; Rosangela Violetti, Antonio Carlos dos, Juvêncio de Braga e Marcelo José. **Assimetria de informação e confiança em interações cooperativas**. Revista de Administração Contemporânea Curitiba. PNV. 12n.1, 2008. Disponível: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/840/84012104.pdf>

Organização das Cooperativas Brasileiras, disponível: http://www.brasilcooperativo.coop.br/GERENCIADOR/ba/arquivos/numeros_do_cooperativismo_2010.pdf